Conceitos e Fatos Históricos

Guarino Alves

1

TERRA DO MAR DOCE (*)

"Só há pouco um ensigne e minucioso investigador, Alberto Magnaghi, que em trabalho apresentado ao XXII Congresso de Americanistas, considerou falsificações totais as cartas de Vespucci ao gonfaloneiro Piero Soderini, e a *Mundus Novus*, em que se firma a glória de Vespucci. Conseqüente com esta hipótese de trabalho, Magnaghi negou a primeira e a quarta viagem do florentino. Há mil razões para não aceitar esta especulação como tese provada — não demonstrada de maneira alguma — que tornaria inexplicável toda a vida de Vespucci e insolúvel os problemas fundamentais da história da América e da política de Espanha. No entanto, o argumento, por novo, conquistou escritores como o norte-americano Frederick Pohl, o brasileiro Tomás Oscar Marcondes de Souza e o italiano Giuseppe Caraci, professor de geografia, os quais seguiram fielmente, como se se tratasse de coisa provada, o que não era mais do que mero ensaio. E apesar de se ter em Florença para corroborar o apoio da doutrina de Gustavo Uzielli, o mais erudito, que nunca pôs em dúvida essas cartas, e a obra de Roberto Levillier que constitui uma contribuição de primeira ordem por quanto fundamenta as viagens de Vespucci com o mais completo estudo que se fez dos mapas coevos, ao celebrar-se o quinto centenário de Amerigo foram dadas por inexistentes a primeira e a quarta viagem.

Germán Arciniegas"

A meu modo de ver, o Brasil foi descoberto de maneira casual pelo famoso Piloto de Florença em 1499, e da mesma maneira, com todas as provas documentais, por Vicente Yáñez Pinzón e Pedr'Álvares. A diferença entre Vespucci e Pinzón reside no fato de que êste último servindo-se de escrivães régios saiu de Espanha com o propósito exclusivo de descobrir e apossar-se de terras em nome dos Reis Católicos, enquanto aqueloutro se agregara à expedição de Hojeda como auxiliar e também representante da *Casa Berardi,* objetivando lucro comercial — *especiarias.*

Vicente Yáñez conseguiu realizar seu intento de maneira oficial, e Vespucci, apenas navegando com espírito de curiosidade conheceu longo trecho da terra brasileira e em seguida rumou para as Antilhas ao encontro de Alonso de Hojeda. (1)

Acredito nas epístolas vespuccinas apesar dos erros de datas, de latitudes e longitudes, contradições de rumos e cômputos de léguas, oriúndos certamente, na maior parte das vezes, de copistas, tipógrafos e tradutores. Creio, sobretudo, na carta dirigida a Pier Francesco dei Médici, de 18 de julho de 1500, aliás, referendada pela *Lettera al Soderini* de 14 de setembro de 1504.

A título de ilustração tocarei na velha tecla condizente às epístolas. A mais interessante delas, *Mundus Novus,* endereçada a Lorenzo, foi vertida ao latim e publicada em Paris por Johan Lambert e Felix Baligaut entre 1503 a 1504, portanto em época da terceira viagem de Vespucci ao Brasil, na frota de Gonçalo Coelho. O original, em espanhol, como deixa entrever o próprio florentino, embora o tradutor Giovanni Giocondo, padre arquiteto, afirme que a sua tradução em latim procedera do italiano, perdeu-se irremediavelmente. As edições da carta, cumpre recordar, doze em latim, uma em holandês, doze em alemão e seis em francês ostentam entre si divergências, alterações e omissões. (2)

Quanto à *Lettera di Amerigo Vespucci delle isole nuovamente trovate suoi viaggi,* mais conhecida pelo título de *Lettera al Soderini,* opúsculo de 32 páginas e ilustrado, apareceu por primeira vez sem destinatário e data. Porém, na cópia manuscrita do *Codex Riccardino 1910* e, segundo T. O. Marcondes de Souza numa outra de códice do século XVIII da Biblioteca Maglibechiana aparece o nome

do destinatário, o *Gonfaloniere* perpétuo de Florença, Pietro Tomasso Soderini.

Como tudo parece indicar, a *Lettera* foi editada primeiramente em Florença, entre 1505 a 1506 (Vespucci ainda era vivo) tendo como impressor Gian Stephano Di Carlo di Pavia, e livreiro o profissional Pietro Paccini di Pescia. Em 1507 foi traduzida para o latim na *Cosmographiae introductio cum quibus dam geometriae principiis ad cum rem necessariis, insuper Americi navegationes,* livro de Martim Waldsseemüller, editado em 26 de abril em Saint-Dié. Refere as *Quattuor Americci Navegationes.*

No passo relativo à viagem ao Brasil em 1501 pululam lapsos de geografia e náutica. Especialmente, o rumo de 32.° SSE que, em *Mundus Novus* é de 50.° SSO, assunto suscetível de melhor e profunda análise.

Mencionem-se, ainda, os *manuscritos* não impressos, exumados nos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, graças aos esforços de Bandini, Boni, Bartolozzi e Ridolfi. O primeiros destes tem a data de 18 de julho de 1500. Vespucci descreve a viagem feita ao Novo Mundo em 1499 na companhia de Alonso de Hojeda, ocasião em que encontrou o rio Amazonas e as correntes equatoriais bifurcando-se no Cabo de São Roque. Publicou-o o abade Maria Bandini, *Vita e Lettera di Amerigo Vespucci,* em Firenze, 1745, por códice da Biblioteca Laurenziana. O segundo está datado de Cabo Verde, 4 de julho de 1501, publicado por Count Baldelli Boni, *Il milione di Marco Polo,* Firenze, 1827, por cópia do códice da Biblioteca Riccardina. O terceiro, escrito em Lisboa, 1502, foi publicado em Firenze, 1789, por Francesco Bartolozzi, *Apologia delle Richerche storica critice circa alla scoperta d'Amerigo Vespucci,* por cópia da Biblioteca Riccardiana. Deste documento também possui cópia a Biblioteca Nazionale Firenze. E o quarto, encontrado pelo Prof. Roberto Ridolfi em 1937 nos arquívos da família Conti, de Florença, e por ele publicado na revista *Archivo Storico Italiano,* vol. IV, Roma, 1937, sob o título: *Una Lettera inedita di Amerigo Vespucci sopra il su terzo viaggio.* (3)

* * *

Esteve o florentino na costa setentrional do Brasil? Alguns escritores, notadamente Max Justo Guedes, não acreditam nisto. O Comandante Max é de parecer que os navios não navegaram de oeste-leste por causa do *condicionalismo físico* do Atlântico.

Viajou sem nunca afastar-se das vistas de Hojeda? Dizem que este Capitão partiu do porto de *Santa María de Cádiz* com quatro navios no dia 18 de maio de 1499. A data concorda com a de Vespucci, porém o número de navios está errado.

A propósito, lêia-se o seguinte passo da obra de Joaquim Ghichot:

En 1499 armóse en Sevilla una expedición de cuatro buques al mando de Alonso de Ojeda, y salió para Paria, con ayuda de las descripciones y mapas enviados por Colón al Gobierno español. Comunicó a Ojeda estos documentos su protector el obispo Fonseca, superintendente de los negocios de Indias, y sospechóse que ayudó Vespuccio al armamento de aquellos cuatro buques, que se embarcó en uno de ellos, perteneciente a la casa de Berardi, y así pudo tomar parte en las ganancias y perdidas de la expedición. (4)

Por sua vez, escreveu T. O. Marcondes de Souza: "Os historiadores estão agora de acordo em que duas foram as expedições, cada uma de 2 navios, que a 18 de maio de 1499 partiram de Cádiz para explorar terras do ocidente: uma sob o comando de Alonso de Hojeda e outra tendo como capitão Amerigo Vespucci." (5)

Em verdade, saíram daquele porto apenas três barcos, sob o comando geral de Alonso de Hojeda, e, a prova disso é que este nauta mencionou o nome de Vespucci como um dos pilotos da sua expedição.

Na carta a Lorenzo está consignado pelo florentino:

> ... *me partir com due caravelle a XVIII di Maggio del 1499.*

Na outra epístola endereçada a Soderini afirmou:

> ... *Partimo del porto di Calis* (Cádiz) *tre naui di co'serua adi 16 di Maggio 1499.*

Não vejo nenhuma contradição nisso, salvo a data *16*, em Soderini, ao invés de 18, *provavelmente* erro de copista ou de tipógrafo.

Ora em Lorenzo, o florentino menciona seus dois navios, um

deles armado pelo Rei, e o outro pertencente à *Casa Berardi,* ou seja, Juanoto Verardi, comerciante florentino e representante dos Médicis em Sevilha. Na carta a Soderini cita-se a frotilha — três naves, portanto as duas de Vespucci e uma de Hojeda.

São as conhecidas "contradiçoezinhas" de que se servem os críticos apressados com o intuito de contestar e anular as epístolas...

De que Hojeda deixou Cádiz com um único navio prova-se com o depoimento de Juan Velazquez, testemunha dos fatos:

> ... *el capitán principal era Alonso de Ojeda, de la caravela que salió de España.*

De que o destino era Pária, demonstra-o o supracitado depoente:

> ... *porque tenian nuevas quel señor almirante* (Cristóbal Colón) *había hallado en ella* (Pária) *perlas e otras cosas de valor.*

De que Hojeda, homem de índole agressíva e inclinado a aventuras perigosas partiu sem Mestre, sabëmo-lo, ainda, pela boca de Velazquez:

> ... *Esta (caravela de Hojeda) non tray maestre, porquel dicho Alonso de Ojeda non le quiso esperar, que era ido a Sevilla, que lo havia el enviado cabtelosamente, por tener lugar de fazer las cosas quel quisese mas a su plazer, non veniendo maestre ninguno.*

Hojeda era homem impulsivo, de estatura baixa, de grande força física, de uma coragem assombrosa, acostumado a fazer e desfazer por conta própria. Por causa desses atributos de sua índole aventureira, teimosia e liderança sem freio perderia a vida o grande cartógrafo Juan de la Cosa em Cartagena, seu companheiro de assalto a uma aldeia silvícola.

Velazquez e também o Mestre Alonso, testemunhas no inquérito da expedição de Hojeda, citam os nomes dos tripulantes do barco deste Capitão, inclusíve o de um *Juan Viscaíno,* Piloto, sem dúvida o cartógrafo Juan de la Cosa, menos o de Vespucci, pois este nauta era de outro navio.

Disse Juan Velazquez, vizinho da cidade de Sevilha, no interrogatório:

... y que los marineros eran de muchas partes, y que este testigo non se miembra de los nombres dellos. El piloto principal era Juan Viscaino vecino del Puerto de Santa Maria; otro piloto traia, vecino de Sevilla, que se llama Juan Sanches; otro, vecino del Puerto, que se llama el Chamoroé e que de los que a este testigo se miembra de los que venian con Ojeda, con Don Fernando de Guevara, a quien él crió por capitan de la otra caravela quel tomó, y a Troxillo, vecino de Xerez, y Comacho, vecino dende, y a Miguel de Toro e Juan de Alegria y Figueroa, vecino de Frexenel, y Pedro, y Ochoa, mozos e criados de dicho Ojeda, y Juan Luis, el qual traia la noche de la pelea la seña, y Juan Pintor, Gonzalo de Xerez, vecino de Sevilla; maestre Bernal, boticario; maestre Alonso, surigiano; Recuenco, vecino de Marchena; Cordero, vecino del Puerto, Bartolomé Garcia, vecino del Puerto; Juan Garcia, marinero, y otras personas de que este testigo no tiene memoria.

As pessoas citadas por Mestre Alonso, cirurgião de Hojeda, são poucas: Contramestre, um veneziano de nome Nicolas; Tonoleiro, Symon, genovês; Calafate, um biscaínho chamado Pedro de Laredo; os marinheiros Juan Alonso, Juan Rodriguez e Juan de Valencia, e mais dois de nacionalidade portuguesa, pai e filho. Aquele *Chamoro* citado por Velazquez é Diego Martin Chamorro. Consigna, ainda, o marinheiro Rodrigo Alonso de Carmona, o piloto Juan Lopez, de Sevilha, e o Contramestre Pero Mateos.

Não houve, portanto, referência a tripulantes de Vespucci, pelo menos que se saiba ao certo.

O florentino, por seu turno, em carta a Soderini limita-se a dizer: *em toda a viagem dos 52 homens cristãos que éramos, não morreram senão dois matados pelos índios.* Sem dúvida alguma a tripulação dos dois navios sob o seu governo.

* * *

Houve a falada separação dos dois capitães na travessia atlântica, agindo cada qual por conta própria? Segundo o parecer de Max Justo Guedes os navios não se separaram nem no Atlântico, nem depois de abicados nas Guianas: *Podemos considerar provado*

que é descabida a hipótese de separação da frotilha de Hojeda, que navegou unida e unida chegou a Yaquimo, a 5 de setembro de 1499, segundo o depoimento de Fernando Colón.

Sei, entretanto, que este "chegou" deve corresponder ao término das aventuras na costa da Venezuela, sucessos posteriores às ocorrências verificadas com Hojeda ao chegar o golfo de Pária, depois de sua partida da Europa. Como é sabido, Vespucci teve contato com Hojeda na Venezuela, explorando e lutando contra a indiada, e regressou a Espanha sozinho, portanto em data diferente da de seu companheiro...

Eu vejo as coisas por um ângulo bem diferente do Comandante Max. Vespucci *separou-se* de Hojeda já no percurso africano, dirigindo-se para a ilha de Gomerá — ele assim o diz — enquanto o companheiro fazia escalas em Cafi, Cabo de Aguer (hoje Ghir), nas ilhas Lançarote, Forte Boaventura, Grã Canária e Tenerife, chegando afinal a Gomerá.

Leia-se Vespucci:

> *... e pressi mio camino a lungo della costa d'Africa, tanto che navigai alle Isole fortunete, che oggi si chiamano le Isole di Canari: e dipoi d'avermi provisto di tutte le cosa necessarie, fatta nostra orazione e preghiere, facemo vela di un Isole che si chiama la Gomera, etc.*

Na carta a Soderini a Canária foi avistada de longe e a provisão feita na Ilha do Fogo ou Tenerife:

> *... comici'mo nostro ca'mino adiritti (diretamente) alle isole del cabo uerde passando a uista della isola di gran Canaria: et qui facta nostra proisione dacqua & di legne, piglia'mo nostra nauigatione per il libeccio, etc.*

Se há algum desacordo entre estes dois tópicos no que se refere ao lugar da *aguada*, isso absolutamente não interessa ao caso da "separação" da frota. Além do mais, se Vespucci houvesse acompanhado Hojeda nas escalas por este feitas, tê-lo-ia dito. Mesmo porque foram muitos os sucessos deste espanhol antes de navegar diretamente para o Novo Mundo.

Há mais. Velazquez e Mestre Alonso, testemunhas oculares das peripécias de Hojeda em Cafi, Cabo Ghir e ilhas, nenhuma referência fizeram ao florentino, sinal de que este não compartilhou das aventuras tão ao gosto de Hojeda em termo de pirataria.

Vejamos o que disse Mestre Alonso:

Preguntado por el dicho teniente por la tercera pregunta del dicho interrogatorio, dixo que sabe e vido que estando el dicho Alonso de Ojeda para se partir, puesto en el paraje de Santa Catalina, que es cabo Cadiz, que trabajó ay de tomar una carabela que *se dize La Gorda, fortiblemente e nonpudo; y que una noche envió unos marineros a furtar una barca de una nao vizcaina que estaba en el rio del Puerto de Santa Maria, e que se la furtaron e le dexaron otra barca rota que lebaban, y ansy se partieron de Castilla.*

Preguntado por la cuarta pregunta del dicho Ojeda de Castilla, que se vino para la costa de la Berberia fasta el Cabo de Aguer, aonde halló muchas carabelas que estaban pescando, e alli preguntó por la mejor carabela que en ellas habia, e supo como estaba alli una nueva de Moguer, la cual caravela el dicho Ojeda tomó por fuerza e perdió la gente della, e echola en otra caravela que pasaba para que la llevasen á Castilla, ecepto dos hombres cuya era la dicha caravela, que no quisieron salir della, los cuales se truxo consigo. E fecho esto, de otros navios que por ahi estaban robó muchas cosas, de las que él habia menester, ansi cables como velas e otros aparejos que son para navegar, los que él quiso tomar, sin pagar ninguna cosa por ello, ni menos daba conoscimiento para que por él pudiesen demandar; y de alli se fue la costa adelante, y en una tierra que se Ilama Torococa mandó surgir, e alli venieron ciertos moros en que vino un hombre principal e otro negro con él, el qualmoro venia a comprar ciertas cuartillas de paño que habian tomado en la dicha caravela que en el cabo de Aguer habia tomado, y al fin non se avenieron, y el dicho moro demandó al dicho Ojeda que le diese polvora, si traia, para una lombarba que tenian. Y el dicho Ojeda le respondió quel no traia polvora en can-

tidad para poder llevar, y al fin diole una poca en um papel, cantidad de para hacer un tiro, y que si alguna cosa le dió para ello, que este testigo no lo vido. Y de alli se partieron e fueron reconoscer a Lançarote aonde tiene unas casas da Señora Doña Inés, aonde saltó en tierra el dicho Ojeda con cierta gente y falló la casa cerrada e sin guarda, e quebrantó las puertas della e sacó della ciertas pipas que falló nuevas, e sebo e pez e cebada e basillas de cobre y de barro todas las que fuiso tomar, y de alli se partió para Fuerte Ventura e fizo ay carne la que pudo, e fué a surgir a Gran Canaria, y estuvo ende surgindo dos o tres dias, y de alli se partió e fue a Tenerife, e falló ende una caravela que se dice La Gorda, de Palos, la cual quisiera tomar si pudiera, e no pudo, porque lo entendió e fizo vela e fuese en salvo, y de alli se partió e fue a la Gomera, e surgió ende, e tomó ende al puerto dos anclas que falló. Y alli quiso tomar otra vez la caravela Gorda e no pudo, e de alli saltó e tomó un viaje navegando, fasta que vino a dar en la tierra de Gracia.

Nada, absolutamente nada, a respeito destas peripécias transparece nas duas epístolas de Vespucci. Este apenas disse que abasteceu-se de água e lenha e, após fazerem preces à Deus seguiram sua viagem através do Atlântico.

Outro ponto importante: somente depois de chegar ao Cabo Ghir passou Hojeda a dirigir duas caravelas, ou seja, a dele e aquela outra tomada à força e logo entregue a Don Fernando Ladrón de Guevara que teve por Mestre um indivíduo de nome ignorado, mais tarde morto na ilha Espanhola, e como Contramestre Pero Mateos, além do piloto Juan Lopes, de Sevilha. Em suma: Hojeda deixara Cadíz com uma caravela e o florentino com duas.

* * *

Vespucci teria esperado o companheiro em Gomerá? Sim e não. Nada era impossível que em demorando Hojeda, houvesse partido sozinho, ou então não houve trato de se encontrarem na ilha. Conforme Andrés de Morales, outro depoente do inquérito, Hojeda iniciou a viagem transatlântica desde a ilha do Ferro, fato

que se contrapõe a um possível reencontro com o florentino em Gomerá: *partieron de la ysla del Ferro, que es en la ysla Canaria, y fue a dar en la tierra firme, encima de la provincia de Paria, etc.*

O certo é que Hojeda teve sua aterragem aquém do golfo de Paria umas duzentas léguas, e Vespucci por seu turno em lugar que corresponderia entre 4.º e 5.º Norte. (6)

Eis a explicação por que nem Hojeda, nem seus marinheiros referiram no inquérito o *Mar Doce,* nem Vespucci cita o capitão espanhol como seu acompanhante ao longo da costa brasileira.

Na epístola a Lorenzo, no que se refere ao rio Amazonas, as observações são realísticas. Temos o intelectual, o humanista embevecido diante da Natureza virgem, tão diferente do áspero e atrabiliário Alonso de Hojeda.

Diz o florentino:

> *... al capo di XXIII, dí avemmo vista de terra, e trovammo avere navigato al piè di 1.300 leghe discosto dalla Città di Calis per la via di libeccio. Vista la terra demmo grazie a Dio, e butammo fuora le barche e con XVI. uomini, fummo a terra, e la trovammo tanto piena d'alberi, che era cosa maravigliosa non solamente la grandeza di essi, ma della verdura, che mai perdono foglie, e dell'odor suave, che d'essi, saliva, che sono tutti aromatici, davano tanto conforto all'odorato, che gran recreazion pigliavamo d'esso. E andando con le barche a lungo della terra per vedere se trovassimo disposizione per saltare in terra, e come era terra basa travagliammo tutto il dí fino alla notte, e mai trovammo cammino, nè disposizione per entrar dentro in terra: che non solo ce lo difendeva la terra bassa, mala spessitudine degli arbori; d' maniera che accordammo di tornare a'navili, e d'andare a tentar la terra in altra parte: e una cosa maravigliosa vedremmo in questo mare, che fu, che prima che allegassimo a terra a 15. leghe, trovammo l'acqua dolce come di fiume, e levammo di essa, ed empiemos tutte le bote votte, che tenevamo.*

Isto é ao cabo de vinte e quatro dias avistaram terra. Pelos cálculos tinham navegado cerca de 1.300 léguas distante da cidade de Cádiz pelo caminho de sudoeste. Avistada a terra deram graças a Deus, e arrearam os batéis. O desembarque foi de dezesseis homens. As árvores eram coisa muito maravilhosa não apenas devido ao tamanho, ao verdor, pois nunca perdiam as folhas, mas também por causa do odor suave, tão aromáticas que eram, agradando tanto o olfato que nisso todos tinham grande prazer. Navegando com os batéis ao longo da terra para ver se encontravam lugar para desembarque, e sendo ela baixa, diligenciaram todo o dia até a noite inutilmente. Além de baixa, tinha vegetação muito espessa. Em face disso voltaram aos navios pensando abordá-la em outra parte. Uma coisa maravilhosa que viram nesse mar foi que antes de defrontarem nova paragem, à distância de quinze léguas, encontraram água doce como de rio. Beberam dela e encheram todos os barris.

Entre historiadores brasileiros há discordâncias quanto ao lugar do primeiro desembarque. Querem uns que isto se deu nas imediações do rio *Oyapoc,* porém Max Justo Guedes prefere um trecho ou região onde desembocam os rios *Corantijn* e *Coppename,* visto jeda, nesta opinião de Max. Na Carta de navegar de Juan de la que, segundo ele, os navios de Hojeda e Vespucci aterraram aquém do golfo de Pária cerca de duzentas léguas.

O cômputo — *200,* é de estimativa. Mas, acredito, quanto a Ho-Cosa, por exemplo, consigna-se um C.°de gd.° naquelas paragens, por mim identificado com a moderna *Ponta Brams,* também conhecida como *Cabo de Goddo.* Conseguintemente, o topônimo cosiano dever ser traduzido como "Cabo de Graças a Deus", correlacionado com a *tierra de Gracia* do inquérito da viagem de Hojeda.

Esta terra da Graça parece referir longo trecho de litoral e não praticamente um lugar habitado. Todavia, Hojeda desembarcou onde havia silvícolas, travando ali vários combates, fato este em desacordo com o relato do florentino. No depoimento de Mestre Alonso consta o seguinte:

> *... dixo que navegando su camino, despues de salidos de la Gomera, fueron dar en la tierra de Gracia quel*

señor Almirante descobrió, la qual conoscieron ser ella, e vieron que las gentes della venian a ellos e les daban de sus cosas, por la dicha tierra, de una parte en otra, el dicho Ojeda hacia algunas cosas endebidas, por donde las gentes de aquella tierra se alborotaron contra los cristianos, y en algunas partes pelearon e mataron muchos indios, y los indios mataron un cristiano e ferieron muchos cristianos, e de alli Ilevó el dicho Ojeda presos ciertos indios, en la qual tierra fallaron perlas finas y guanines ricos y mucho brasil muy fino. E crey este dicho testigo que si agora fuesen a la dicha tierra cristianos, que les seria necessario ser muchos e llevar buenas armas, proque hallarán al contrario de lo que solia quando el Señor Almirante alló la dicha tierra, por donde S. A. dello an sido e son deservido.

Obviamente, não se sabe com certeza se tais combates tiveram início no ponto da primeira aterragem, uma vez que muitos assaltos a aldeias sucederam ao longo da costa da venezuela; mas o fato é que Vespucci não mencionou tais sucessos quanto ao cruzeiro em litorais de nosso país.

* * *

Leiamos Vespucci na continuação de sua narrativa:

... Giunti che fummo a'navili levammo l'ancore, e facemmo vela, e mettemmo la prua per mezzo; perche mia intenzione era di vedere se potevo volgere uno cavo di terra, che Ptolomeo nomina il Cavo de Cattegara, che è giunto con il Sino magno, che però mia opinione non stava molto discosto da esso, secondo i gradi della longitudine, e latitudini come qui a basso si darà conto. (7) Navigammo per il mezzo, a lungo di costa vedemmo salirdella terra due grandissimi rii, o fiume, che l' uno veniua dal ponente, e correva a levante, e teneva di larghezza quatro leghe, che sono sedici miglia, e l'altro

correva dal mezzodì al settentrione, ed era largo tre leghe, e questi due fiumi credo, che causavano essere il mare dulce a causa della loro grandeza.

Ou seja: chegados que foram aos navios levantaram âncoras e navegaram para o Sul, porque era da intenção do florentino ver se podia dobrar o cabo que Ptolomeu denominava *Cabo Cattigara,* junto ao *Sinus magnus* que, segundo sua opinião não estava muito distante, conforme os graus de longitude e latitude. Navegando para o sul foram avistados dois grandíssimos rios, sendo que vinha do oeste e corria para o leste com a largura de quatro léguas que são dezesseis milhas, e o outro corria do sul para o norte, largo de três léguas que são doze milhas. Estes rios, acreditava Vespucci, eram que tornavam o mar dulcificado por causa das suas grandezas.

Temos aí a descoberta dos rios Amazonas e Pará, cursos distintos com nascenças diferentes mas unidos pelo estreito de Breves na ilha Marajó, feita muito antes de ali chegar Vicente Pinzón, em 25 de março de 1500. E não se diga que o florentino colhera este evento da viagem do capitão castelhano, porquanto ao escrever sua epístola em 18 de julho de 1500 Pinzón ainda não conhecia o Amazonas e só chegaria a Palos em 30 de setembro deste ano.

Segue-se agora o que viu o florentino ao subir o Amazonas num percurso de mais ou menos dezoito léguas, a força de remos, durante dois dias:

... E visto, che tuttavia la costa della terra si trovava essere terra bassa, accordammo d'entrare in uno di questi fiumi con le barche, e andar tanto por esso, che trovassimo o disposizione di saltare in terra: o popolazione di gente; e ordinate nostre barche, e posto mantenimento in esse per quatro dì, con 20 uomini bene armati ci metemmo per il rio, e per forza di remi navigammo per esso a piè di que dì, opera di dicioto leghe, tentando la terra in molte parti, e di continuo la trovammo essere continuata terra bassa, e tanto spessa d'alberi, che appena un uccello poteva volare per essa; e cozì navigando per il fiume vedemmo segnali certissi-

mi, che la terra a dentro era habitata: e perchè le caravelle restavano in un luogo pericoloso, quando il vento fussi saltado alla traversia, accordammo al fine de' due di tornarci alle caravelle, e lo ponemmo per opera. Quello, che qui viddi, fu che vedemmo una brutissima cosa d'ucceli di verse forme, e colori, e tanti pappagalli e di tante diverse sorte, che era maraviglia; alcuni colorate come grana, altri verdi, e colorati, e limonati, e altri uccelli, che istavano negli alberi era cosa tam suave, e di tanta melodia, che ci accadde molte volte istar parati per la dolcezza loro.

Isto é: visto que a costa era baixa resolveram entrar em um dos rios com os batéis e ir por ele a dentro até que encontrassem lugar de desembarque ou de aldeia. Posto em ordem os batéis com mantimentos para quatro dias, com vinte marinheiros bem armados, subiram-no a força de remos. Em dois dias fizeram cerca de dezoito léguas explorando a terra em muitos pontos, mas de contínuo viram que ela era baixa e tão espessa a vegetação que apenas nela podia voar um pássaro. Assim navegando viram sinais certíssimos de que o interior era habitado. Entretanto, porque as caravelas estavam surtas em lugar perigoso quando o vento soprava de través preferiram ao fim de dois dias regressar. Consoante Vespucci, o que eles viram foi uma enorme quantidade de pássaros de diversas formas e cores, e tantas espécies de papagaios que era maravilha: uns de cor vermelha, outros verde-vermelho, e amarelos, e outros todo verde, e outros pretos, e encarnados. O canto de muitos pássaros que estavam nas árvores era suave e de tanta melodia que aconteceu muitas vezes ficarem os europeus encantados com a suavidade.

Nada mais realístico. A Amazônia continua sendo um paraízo de aves canoras. O papagáio *preto* deve ser a Arara desta cor vista à distância.

A vantagem de Vespucci sobre os demais capitães comandantes de expedições estava justamente em ser ele profundo observador e erudito. Além de Piloto e cartógrafo (sem estas qualidades não

assumiria, como de fato assumiu o posto de *Piloto-mayor* da Casa de Contratação de Sevilha) estudava os costumes dos silvícolas, a geografia do Novo Mundo, o mistério das constelações e de tudo isso dando conta aos seus benfeitores de Florença através de epístolas.

* * *

Terminada a descrição da paisagem amazônica, com referência a árvores de tal grandeza e beleza como se estivessem no Paraíso, e também a peixes de várias formas, começa a contar sua aventura na costa setentrional:

> *... E giunti, che fummo a' navilli ci levammo facendo vela, tenendo la prua di continuo a mezzodì; e navigando a questa via, e stando larghi in mare, al piè di quaranta leghe, riscontrammo una corrente di mare, che correva di scirocco al maestrale, che era tam grande, e con tanta furia correva, che ci misse gran paura, e corremmo per esso grandissimo pericolo. La corrente era tale, che quella dello Stretto di Gibilterra, e quella del Farro di Messina, sono uno stagno a comparazion di essa d'un modo, che como ella ci veniva per prua, nom acquistamo cammino nessuno, ancora che avessimo il vento fresco; di modo che visto il poco cammino che facevamo, e il pericolo in che stavamo, accordammo di volger la prua al maestrale, e navicare alla parte di settentrione.*

Quer dizer: fizeram-se de vela tendo a prôa de contínuo para o Sul. Navegando por esse caminho, estando afastados da costa cerca de quarenta léguas encontraram uma corrente marítima que corria de sueste para noroeste e era tão forte e com tanto ímpeto corria que tiveram medo e passaram grande perigo. A corrente era tal, que as do Estreito de Gibraltar e do Farol de Messinas pareciam estagnos em comparação com ela, de modo que pouco avançavam; embora tivessem vento fresco a favor. Em face ao perigo

resolveu Vespucci virar a proa para o Noroeste e navegar para o Norte.

* * *

Cumpre, antes de tudo, transcrever o que foi dito pelo florentino ao tratar desse novo itinerário. Disse na carta a Lorenzo: "tendes de notar que esta navegação foi nos meses de julho, agosto e setembro em que sabeis, o Sol reina mais de contínuo neste hemisfério, e faz maior arco do dia e menor o da noite. Enquanto estávamos sobre a linha equinocial ou afastados dela cerca de 5 ou 6 graus, o que foi nos meses de julho e agosto, a diferença entre o dia e a noite não se percebia, e quase que os dias eram iguais, pois que muito pouca era a diferença."

Em resumo, Vespucci navegou até a latitude de seis graus e meio abaixo da linha.

Ora Max Justo Guedes, T. O. Marcondes de Souza, Varnhagen e Roberto Levillier confundiram-se sobre o assunto, justamente porque existe discrepância entre a epístola a Lorenzo e a de Soderini. Nesta última o descobrimento sucedera — aparentemente — e só *aparentemente* em litoral de cinco graus austrais. Digo-o, porque a minha interpretação é correta.

Que se transcreva para aqui o tópico da carta dirigida ao Gofalonero Pier Soderini a propósito desta controvérsia que vem rolando desde o século passado:

> *...et aqui (na* ilha do Fogo)) *facta nostra prousione dacqua & di legne, piglia'mo nostra nauigatione per il libeccio; & in 44. giorni fumo a tenere ad una nuova terra: & la giudica'mo essere terra ferma, & continua con la disopra si fa mentione: la quale ẽ situada drento della torrida zone, & fuora della línea equinoctiale alla parte dello austro: sopra laquale alza el polo meridione 5. gradi fuora dogni clyma: & dista dalle decte isole per elu'eto libeccio 500. leghe: & troua'mo essere equali egiorni con le nocte: p, che fumo ad spsa adi 27. di Giugno, quando el sole sta circa del tropico di cancer:*

la qual terra trou'amo essere tutta annegata & piena di grandissimi fiumi. In questo principio no ue'mo gente alcuna; surge'mo con nostre naui & buta'mo fuora nostri batteli: fumo con spsi a terra, & come dico, la troua'mo piena di grandissimi fiumi & annegata per grandissimi fiumi che trou'amo: & la co'mett'mo in molte parti per uedere se potessimo entrare p. spsa: & per le grandi acque ch' traeuono e fiumi, con qua'to trauaglio pote'mo, no troa'mo luogho che non fussi annegato: uede'mo per efiumi multi segnali di come la terra era populata: & uisto ch' questa parte non la pateuamo entrare, accorda' mo tornacene alle naui, & di co'meterla p, altra parte: & leuata'mo nostre anchore, & nauica'mo infra leuante & scilocco costeggiando di continuo la terra, che cosí si correua, & in molte parte la comett'mo in spatio di 40. leghe: & tucto era tempo perduto: trou'amo in questa costa che le corrente del mare erano di tanta forza, che non cilasciuano nauigare, & tucte correuano dallo scilocho almaestrale: di modo che uisto tanti incoueniente per nostra nauicatione, facto nostro co'siglio accord'amo tornare la nauicatione alle parte del maestrale, etc.

Em resumo: encontrou terra em cinco graus, descobriu grandes rios e, por causa da corrente contrária *voltou* para o Noroeste.

Portanto, a *pedra angular* do problema debatido pelos historiadores é o fato de Vaspucci dizer ter achado terra em 5.° S., quando na epístola a Lorenzo, embora sem consignação de latitude, mostra que o lugar da aterragem foi ao norte da equinocial, e daí seguindo para o Sul até a latitude de 6.° 30'S.

Como se explica a discrepância?

* * *

Para o ilustre amigo Comandante Max Justo Guedes o florentino não esteve na costa setentrional, de vez que não houve separação da frotilha durante a viagem à Venezuela. Por outro lado,

Vespucci não navegaria contra o *condicionalismo físico* do Atlântico — contra a corrente, e por último: "não há rios caudalosos como os descritos por Vespúcio e, muito menos, o fenômeno da dulcificação das águas do mar, quinze léguas antes de avistarem terra!" De fato no Rio Grande do Norte não existem rios assim descritos, mas é necessário esclarecer que os historiadores interpretam a *Lettera* de maneira errada.

Thomaz Oscar Marcondes de Souza, notável pelas suas refutações à *História da Colonização Portuguesa no Brasil,* repele a epístola a Soderini como documento falso e aceita a de Lorenzo como legítima, seguindo deste modo na esteira do italiano Magnaghi, professor de geografia em Palermo.

Por sua vez, Roberto Levillier prefere a de Lorenzo, sem cuntudo considerar apócrifa a de Soderini, para ele apenas de difícil interpretação. E está certo.

Sobre a diferença fisiográfica entre um litoral ao norte (Lorenzo) e um litoral ao sul (Soderini) ou ponto do desembarque de Vespucci tirou o Prof. Marcondes de Souza a seguinte conclusão:

> "Conforme a *Lettera,* atingiu Vespucci, na segunda viagem, um ponto no litoral da América do Sul, situado a 5 graus de latitude sul, onde se lhe deparou uma terra alagada, cheia de grandes rios, não podendo aí realizar desembarque porque não havia local que não estivesse inundado. Pois na terceira viagem chegou a essa mesma latitude, mas dessa vez encontrou uma terra amena e de boa aparência, que não estava alagada. Ora, se Vespucci, tanto na segunda, como na terceira viagem, partiu quase no mesmo dia do mes de maio, certamente que chegou tanto numa como na outra viagem, na mesma estação do ano, no litoral brasileiro, situado a 5 graus de latitude sul, a que se refere a *Lettera,* a não ser o pouco cuidado com que ela foi forjada."

Claro que não posso nem devo endossar este ponto de vista do escritor paulista, e muito menos o conceito de Varnhagen, isto é, uma costa *alagada* combinando com o delta do Açu, no Rio Grande

do Norte, ou o rio Apodi imediatamente ao oeste. Varnhagen chegou a dizer com Robert Southey que Hojeda e Juan de la Cosa haviam compartilhado do cruzeiro de Vespucci!

Demais, Levillier, sempre bem orientado nas suas pesquisas falhou entretanto ao ressaltar que a aterragem foi no Cabo de São Roque, *donde la costa norte se une a la oriental.*

Duarte Leite, por exemplo, embora considerando autênticas as cartas vespuccinas, principalmente a que refere a 1.ª Viagem, saiu-se muito bravo:

> *Contando sua segunda navegação, empreendida em 1499 com Hojeda, Vespúcio falta à verdade, por ignorância ou por fraude, quando afirma ter arribado em 5.º de latitude austral.*

Frauduloso é o Sr. Duarte Leite na *História da Colonização Portuguesa do Brasil,* monumento de invencionices quando trata desses assuntos.

O lapso de Vespucci prende-se exclusivamente ao fato de não haver consignado na carta a Lorenzo a latitude da primeira arribada, mas tendo-o feito na de Soderini, não a propósito desta aventura de 1499, e sim a respeito da de 1501-2.

Provo-o da seguinte maneira:

> A carta endereçada a Lorenzo é de 18 de julho, códice Ricardino, ou de 28, consoante o códice de 1910; e a de Soderini, repetição dos fatos e acrescentamentos de episódios não mencionados na anterior, quanto às explorações nas Antilhas é de 4 de setembro de 1504.
>
> Conseguintemente, ao escrever a Soderini depois de seu regresso da viagem feita ao Brasil com Gonçalo Coelho em 1503, tendo chegado a Lisboa em 1.º de junho de 1504, já conhecia a deflexão continental brasileira em 5.º S, pois ali esteve em 1501 como partícipe da navegação de Gaspar de Lemos.

Nesse caso, ao invés de começar sua notícia a Soderini desde o primeiro desembarque efetuado verdadeiramente ao norte da Equinocial, nas Guianas, fê-lo dizendo que o país encontrado estava *dentro della torrida zona, & fuora della linea equinoctiale alla parte dello austro: sopra laquale alza el polo del meridione 5. gradi fuora dogni clyma.*

Ora na epístola a Lorenzo ele não entrou nesse pormenor justamente porque ainda não realizara as viagens de 1501-2 e 1503-4...

Há mais. Na própria epístola a Soderini nota-se perfeitamente que, após citada a altura do país — conhecimento adquirido em 1501 — passa o florentino a descrever o itinerario no sentido de norte-sul, ou seja, desde o Amazonas até a costa setentrional, alcançando seis graus e trinta minutos.

Isto posto, diga-se de passagem que Levillier em colocando os navios de Vespucci confronte o Cabo de São Roque como porto do primeiro desembarque deu-se ao erro de identificar a grande ilha mais tarde encontrada pelo florentino com a de S. Luís do Maranhão, quando na realidade e consoante a carta de Lorenzo (e na própria *Lettera)* era a de *Trinidad* no golfo de Pária!

Não me entregarei ao trabalho de acompanhar Vespucci até as Antilhas. Mas, em contestação ao ponto de vista do Comandante Max Justo Guedes, para o qual Vespucci e Hojeda não se separaram no mar, nem nas Guianas, chegando juntos a Yaquimo em 5 de setembro de 1499, segundo o depoimento de Fernando Colón, tenho a dizer que sucedeu o contrário:

Alonso de Hojeda chegou e desembarcou no porto de Yaquimo, ilha do Haiti, em 6 de setembro de 1499, e Vespucci em S. Domingo cinco meses depois, ou seja, em janeiro de 1500. Estiveram portanto separados durante muito tempo, mas isso não significa que não tivessem explorado ora unidos, ora separados, os litorais da Venezuela e algumas de suas ilhas.

Demais, todos sabemos que Hojeda regressou a Cádiz em abril de 1500, e o florentino em junho deste mesmo ano.

NOTAS

(*) Reproduzido da *História dos Descobrimentos Marítimos no Brasil*, inedito, de Guarino Alves, e em parte inserto na *Proto-historia do Rio Grande do Norte*, de Tarcísio Medeiros, Rio, 1985.

Guarino Alves (de Oliveira) é sócio efetivo do *Instituto do Ceará* (Histórico, Geográfico e Antropológico), da *Sociedade Cearense de Geografia e História* e da *Academia Brasileira de História* de S. Paulo. Membro correspondente da *Sociedade de Geografia de Lima*, Peru, do *Instituto de Cultura Americana* do Uruguai, Montividéu, e do *Instituto de História e Cultura Naval* de Madri e Acadêmico Benemérito *ad Honorem* do *Centro Cultural e Artístico* de Felgueras, Portugal, etc. (N.R.).

(1) Entretanto, a posse jurídica de Pinzón não anula a prioridade vespuccina com relação ao descobrimento fortuito do Brasil.

(2) Roberto Levillier é a melhor fonte informativa do epistolário de Américo Vespucci.

(3) Ver Roberto Levillier, *America la bien llamada*, 2 vls. Editora Guillermo Kraft Ltd. Buenos Aires.

(4) Joaquim Guichot, *História de la ciudad de Sevilla y pueblos importantes de su provincia, desde los tiempos más remotos hasta nuestros días*. Sevilla, Genorés, 1878.

(5) T. O. Marcondes de Souza, *O Descobrimento do Brasil*. S. Paulo, 1956.

(6) Talvez no *Suriname*, ou no *Oyapoc*. Alberto Magnaghi prefere a costa dos silvícolas Galibi, entre os rios Mana e Conamana, em 5.*N, na Guiana Francesa. Hojeda, separando-se de Vespucci, seguiu para nor-noroeste...

(7) O florentino, à maneira de Cristóbal Colón, pensava que ia navegando em costas da Índia Ocidental. Somente depois da viagem de 1501/2 concebeu a idéia, positiva, de que havia chegado a um Mundo Novo (*Mundus Novus*).